

A IMAGINAÇÃO EM “O CORVO”, DE EDGAR ALLAN POE

Guido de Oliveira CARVALHO*

RESUMO

O presente trabalho considera os recursos utilizados por Edgar Allan Poe em sua obra “O Corvo”, cujo intuito tenham sido despertar no leitor reações variadas, tais como horror, suspense e prazer. Para realizar o intento, o autor utilizou símbolos e referências a situações propícias ao horror psicológico, que encontram eco nas experiências das pessoas, pelo menos no mundo ocidental.

Palavras-Chave: Edgar Allan Poe; O Corvo; Imaginação.

INTRODUÇÃO

Conceituar Imaginação apresenta-se como uma tarefa que sofre os dissabores da corrente em voga. Até o século XVIII, por exemplo, ela era considerada inferior à Razão, ganhando força ativa, principalmente na literatura, no período romântico. Moisés (1995, p. 285) a define como “a faculdade de criar imagens, ou representações mentais, ou de combiná-las em determinada sequência”. Wellek e Warren (1976, p. 232) consideram a imagem visual como “uma sensação de uma percepção, mas também ‘ocupa o lugar’, é referência, de alguma coisa invisível, de algo ‘interior’”.

A imaginação é importante para o artista literário, na medida em que este procura atingir a percepção através dela, estabelecendo no poema uma contiguidade entre fatos que, na verdade, não são contíguos (GROSSMAN 1982, p. 42). Calvino (1990, p. 105) afirma que a imaginação é tão poderosa que, “mesmo quando lemos o livro científico mais técnico ou o mais abstrato dos livros de filosofia, podemos encontrar uma frase que inesperadamente serve de estímulo à fantasia figurativa”.

Segundo Calvino (1990) a imaginação é abordada pelos autores em diferentes concepções. Para Dante, as imagens choviam do céu, ou seja, proviam de um poder divino, e a imaginação tinha o poder de arrebatá-lo do homem do mundo real. Durante a Contra-Reforma, a imaginação passou a ser vista como advinda dos seres humanos,

* Universidade Estadual de Goiás,
E-mail: longevos@hotmail.com

conclamados a colocá-la a serviço da religião. Os escritores modernos preferem tratar a imaginação como algo originário de fontes mais próximas, tais como o inconsciente individual, coletivo, ou as concentrações do ser em um determinado instante.

Há dois tipos de processos imaginativos, conforme Calvino (1990, p. 94): o que parte da palavra para chegar à imagem visiva, e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal. Em tempos contemporâneos, há exemplos para o primeiro tipo no cinema e nos quadrinhos, os quais assim se concretizam após passarem por roteiros escritos que indicam como a história realizar-se-á através de fotos ou desenhos. No segundo tipo, pode-se citar grandes sucessos cinematográficos que são transformados em livros. Um outro exemplo é o do próprio autor literário que, primeiro imagina as cenas, para depois colocá-las no papel através de palavras. Calvino (1990, p. 104) afirma pertencer a este grupo: “a primeira coisa que me vem à mente na idealização de um conto é, pois, uma imagem que por uma razão qualquer apresenta-se a mim carregada de significado”.

Além disso, a imaginação é um caminho para os estímulos sensoriais. A expressão através das palavras pode incitar a sensação no leitor, contudo, o caminho sensorial é uma via de mão dupla, “de fora para dentro e de dentro para fora” (CASTAGMINO, 1968, p. 221). O autor completa:

Tanto a circunstância exterior e imediata, como a mediata, como o mundo interior do criador literário, também se expressam por palavras referidas aos sentidos, sejam os comuns ou os especiais. E um escritor é mais sensista, mais plástico, na medida em que seja mais capaz de traduzir por meio da palavra suas sensações em imagens (CASTAGMINO, 1968, p. 222).

A obra do autor comporta um estilo e sua maneira de apreender os indícios do mundo que o cerca. E seu uso particular da linguagem irá, em última instância, incitar no leitor o estímulo sensorial. Para esse feito, a imaginação é uma via apropriada. O autor levará o leitor a ela através de determinados recursos. Danziger e Johnson (1974, p. 58) apontam que “outro aspecto do estilo de um escritor e que frequentemente parece ser de suma importância na poesia é o das *imagens* (grifo dos autores)”. Apesar de reconhecerem a dificuldade de se definir o termo imagem, eles afirmam que, “embora a palavra sugira, literalmente, uma impressão visual, ela significa, correntemente, a evocação de qualquer expressão sensorial” (p. 58-59).

Essa dificuldade de definição encontra eco em Moisés (1995, p. 282-283): “vocábulo [...] [que] no terreno propriamente literário, exhibe conotações variáveis, discutíveis e infensas a todo esforço de precisão e rigor”. Mais adiante, ele define imagem como “de início restrito ao sentido da visão, modernamente se estendeu aos demais sentidos: nesse caso, diz-se que a imagem constitui a representação mental de objetos sensíveis; corresponderia, portanto, à repetição, na mente, de uma sensação ou percepção” (p. 283).

O objetivo deste texto é apresentar os instrumentos utilizados por Poe ([s.d.]) para evocar determinadas sensações no leitor em seu poema “O Corvo”.

O POEMA “O CORVO”

Não é exagero dizer que “O Corvo” (*The Raven*) é o poema mais famosos do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849). O poema foi publicado pela primeira vez no jornal *New York Evening*, em 29 de janeiro de 1845. Seu sucesso é atestado pelas inúmeras traduções para outras línguas, entre as quais o português – algumas traduções realizadas por grandes nomes da literatura: Machado de Assis, Fernando Pessoa e Haroldo de Campos, por exemplo. O poema tornou-se ligado ao texto “A Filosofia da Composição”, de autoria do próprio Poe, publicado um ano depois de “O Corvo” vir a público. No texto crítico, Poe ([s.d.]) explica passo a passo, e de forma objetiva, como se deu o processo de composição do poema. O processo lógico e racional, exposto pelo autor, encontrou descrédito em alguns críticos (veja, por exemplo, DUBIN, 2001; ABRAMO, 1999; e GOIA, 1998).

Visto como uma narrativa, o poema produz um efeito maior no leitor. É a história de um homem que, em uma noite fria e escura de dezembro, procura, em livros, consolo para a dor causada pela morte de sua amada, Lenora. Quando está a cochilar, uma suave batida na porta o desperta. A princípio, pensa tratar-se de um sonho, mas como a batida se repete, ele enche-se de coragem e abre a porta, sendo saudado pela escuridão. Ao fechar a porta, outra batida o assombra, desta vez vindo da janela. Ao abri-la, entra um corvo em voo tumultuoso e pousa sobre o busto de Palas. Animado pela presença do corvo, o narrador pergunta seu nome, ao que recebe a resposta “nunca mais”.

Com a curiosidade atiçada e pressupondo que o animal pertencera a alguém que lhe ensinara tais palavras, o narrador segue comentando que o pássaro, como todas as outras coisas em sua vida, o abandonará ao surgir da aurora. E o corvo responde; “nunca mais”. Intrigado, o narrador posta-se em uma cadeira em frente ao pássaro e, acreditando que ele fora enviado por Deus, pergunta-lhe se há um bálsamo para sua dor e se algum dia tornará a ver Lenora. O corvo responde “nunca mais” às duas perguntas. As respostas do pássaro às perguntas e comentários seguintes do narrador fazem-no enxergar nele um ser demoníaco e ele tenta expulsá-lo para o inferno de onde supõe tenha vindo, ao que o corvo responde “nunca mais”. E permanece no busto de Palas, como um tormento à alma do narrador e lembrança de seu amor perdido.

Alguns críticos consideram Lenora uma representação da esposa de Poe, contudo, isso só se torna possível se pensarmos no poema como uma previsão fatídica do que viria a acontecer dois anos após sua publicação, ocasião em que a esposa de Poe, de fato, faleceu.

RECURSOS DE IMAGINAÇÃO

Em “A Filosofia da Composição”, Poe ([s.d.]) demonstra claramente sua intenção de provocar uma determinada reação no leitor à medida que a leitura dos versos se sucedia:

Meu pensamento seguinte referiu-se à escolha de uma impressão, ou efeito, a ser obtido; e aqui bem posso observar que, através de toda a elaboração, tive firmemente em vista o desejo de tornar a obra apreciável *por todos* (grifo do autor). [...] Refiro-me ao ponto de que a Beleza é a única província legítima do poema (POE, [s.d.], p. 409).

A beleza de qualquer espécie, em seu desenvolvimento supremo, invariavelmente provoca na alma sensitiva as lágrimas. A melancolia é, assim, o mais legítimo de todos os tons poéticos (POE, [s.d.], p. 409).

A partir deste ponto, veremos os recursos utilizados por Poe para conseguir uma reação dos leitores. O texto original do poema encontra-se no ANEXO A, e a tradução de Machado de Assis, no ANEXO B. Escolhemos trabalhar com a tradução de Machado de Assis por ser esta uma das mais conhecidas pelos leitores brasileiros.

O título é bem indicativo do que está por vir no poema. Poe se utilizou da figura do corvo para ressaltar o tom mórbido do poema:

Não deixei de perceber em suma, que a dificuldade estava em conciliar essa monotonia com o exercício da razão, por parte da criatura que repetisse a palavra. Daí, pois, ergueu-se imediatamente a ideia de uma criatura *não* racional, capaz de falar, e muito naturalmente foi sugerida, de início, a de um papagaio, que logo foi substituída pela de um Corvo, como igualmente capaz de falar e infinitamente mais em relação com o *tom* pretendido (grifos do autor) (POE, [s.d.], p. 410).

O uso do simbolismo negativo² do corvo adequa-se ao tom melancólico do poema. De fato, Chevalier e Gheerbrant (1995, p. 293-194) ressaltam o corvo como figura de mau agouro, ligada ao temor da desgraça, além de profético e mensageiro divino. E é assim que ele é visto no poema, um mensageiro dos poderes sobrenaturais que se posta no escritório do narrador de forma a atormentá-lo com a lembrança da amada e com a profética e triste condição de que ela nunca mais será vista por ele.

As primeiras estrofes do poema estabelecem o local, o tempo e o clima atmosférico. Em seu escritório, em uma noite fria e escura de dezembro, o narrador, possivelmente, um estudante, procura nos livros, alívio para a dor que sente pela perda da amada Lenora.

Determinei, então colocar o amante em seu quarto – num quarto para ele sagrado, pela recordação daquela que o frequentara. O quarto é apresentado como ricamente mobiliado, isso na simples continuação das ideias, que eu já tinha explanado, a respeito da Beleza, como a única verdadeira tese poética (POE, [s.d.], p. 412).

Poe estabelece um clima adequado à tristeza do narrador: noite, frio e escuridão. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1995, p. 640), “na teologia mística, a noite simboliza desaparecimento de todo conhecimento distinto, analítico, exprimível; mais ainda, a privação de toda evidência e de todo suporte psicológico”. Ou seja, adequado ao narrador que se encontra entregue à dor, alijado de pensamentos lógicos, demonstrando uma certa instabilidade emocional que ficará patente no decorrer do poema. A “meia-noite”, presente no primeiro verso³, representa também os temores sobrenaturais de boa parte da humanidade. O frio e a escuridão reforçam o sentimento de solidão e melancolia do narrador.

² Referimo-nos a simbolismo negativo porque em algumas culturas há um simbolismo positivo em relação ao corvo, visto como um ser de bons augúrios.

³ Na versão de Machado de Assis, a menção à “meia-noite” ocorre no segundo verso.

Quando somos informados da tristeza pela morte de Lenora, a amada, o quadro se completa:

Eagerly I wished the morrow - vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow - sorrow for the lost Lenore -
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore -
Nameless here for evermore.

*Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,
E que ninguém chamará jamais.*

Assim também Poe estabelece o que ele chama de tema melancólico, o que caracterizará todo o poema:

[...] Perguntei-me: “De todos os temas melancólicos, qual, segundo a compreensão *universal* da humanidade, é o mais melancólico?” A Morte – foi a resposta evidente. “E quando – insisti – esse mais melancólico dos temas se torna o mais poético?” Pelo que já explanei, um tanto prolongadamente, a resposta também aí era evidente: “Quando ele se alia, mais de perto, à *Beleza*; a morte, pois de uma bela mulher é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo e, igualmente, a boca mais capaz de desenvolver tal tema é a de um amante despojado de seu amor” (POE, [s.d.], p. 410).

Estabelecido o clima de melancolia, é hora de incutir terror ao coração da personagem. O efeito é conseguido com as batidas na porta. Quando o narrador a abre imaginando tratar-se de uma visita tardia, vê apenas a escuridão. Aqui mais um elemento que colabora para o quadro de abandono em que se encontra o amante. Poe aumenta o efeito com as palavras “fantatist terrors” (terrores fantásticos)⁴. A batida se repete e o narrador se volta para a janela. O clima de suspense se acentua quando a janela é aberta e o corvo entra em tumulto. O contato entre o corvo e o narrador fora premeditado por Poe com um determinado propósito:

O ponto seguinte, a ser considerado, era o modo de juntar o amante e o corvo: e o primeiro ramo dessa consideração era o *local*. [...] Sempre me pareceu que uma *circunscrição fechada do espaço* é absolutamente necessária para o efeito do incidente insulado e tem a força de uma moldura para um quadro. Tem indiscutível força moral, para conservar concentrada a atenção e, naturalmente, não deve ser confundida com a mera unidade de lugar (grifos do autor) (POE, [s.d.], p. 412).

⁴ A tradução de Machado de Assis não contempla essa explicitude de terror, ao invés, prefere “um rumor não sabido”.

A entrada do corvo também foi planejada para aumentar a curiosidade do leitor:

[...] Tinha agora de introduzir a ave e o pensamento de introduzi-la pela janela era inevitável. A ideia de fazer o amante supor, em primeiro lugar, que o tatarar das asas da ave contra o postigo é um “batido” à porta, originou-se de um desejo de aumentar, pela prolongação, a curiosidade do leitor, e de um desejo de admitir o efeito casual, surgindo do fato de o amante abrir a porta, achar tudo escuro e depois aceitar a semifantasia de que fora o espírito de sua amada que batera (POE, [s.d.], p. 412).

O pouso do corvo sobre o busto de Palas se reveste de uma especial significância. Ao passo que o busto da deusa da sabedoria simboliza o conhecimento do narrador, ele encontra-se em um estado de dor que pode levá-lo à insanidade. O marco divisório entre sua racionalidade e sua insanidade é o pouso do corvo sobre o busto, uma vez que, aparentemente, ela é uma deidade ineficaz cujos poderes provaram-se insuficientes para consolar ou aliviar a dor do narrador em luto.

O narrador, divertido pela presença do corvo, pergunta-lhe o nome, ao que a ave responde: “nunca mais”. Atônito, o narrador pergunta se a ave assim como os amigos e a esperança⁵ irá embora ao nascer do dia, ao que a ave novamente responde “nunca mais”. Poe enfatiza novamente a ideia de perda ao trazer que os amigos e as esperanças do narrador tenham ido embora no passado. A resposta do corvo, dizendo que “nunca mais” irá embora, acentua a sugestão de que acompanhará o narrador para sempre.

Assombrado pela resposta do corvo, o narrador põe-se a imaginar um motivo racional para a presença do mesmo e a monótona repetição de “nunca mais”. O próprio Poe confirma sua intenção de usar o tom monótono:

Desde que sua aplicação deveria ser repetidamente variada, era claro que esse refrão deveria ser breve, pois haveria insuperáveis dificuldades na aplicação de qualquer sentença extensa. [...] Tornou-se necessário escolher uma palavra que encerrasse esse som e, ao mesmo tempo, se relacionasse o mais possível com a melancolia predeterminada como o tom do poema. Em tal busca, teria sido absolutamente impossível que escapasse a palavra “nevermore” (POE, [s.d.], p. 410).

O tom sério se apossa do poema até o final e, cada vez mais assolado pela tristeza e desespero, o narrador faz perguntas para as quais a única fala do corvo se torna uma sentença lúgubre: um Deus sensível mandou alívio para a dor que o devora? “Nunca

⁵ A tradução de Machado de Assis suprime a palavra “hopes”.

mais”. Existe um bálsamo no mundo? “Nunca mais”. Haverá um encontro com Lenora no Paraíso? “Nunca mais”. É possível tirar o bico que aperta o coração do narrador?⁶ “Nunca mais”. A resposta do corvo a todas as perguntas foi predeterminada por Poe antes de começar a escrever o poema, como pôde ser depreendido pela citação anterior.

Referências a entidades e lugares divinos perpassam todo o poema e Poe coloca a esperança do narrador em seu repouso no Paraíso, mas nega, continuamente, que assim se sucederá:

Tell his soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore -
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore."
Quoth the Raven, "Nevermore."

*Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
No Éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais.
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!"
E o Corvo disse: "Nunca mais."*

Is there - is there balm in Gilead? - tell me - tell me, I implore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

*Dize-me: "Existe acaso um bálsamo no mundo?"
E o Corvo disse: "Nunca mais." ⁷*

Contrapondo-se a essas referências há outras que remetem ao infortúnio:

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said, "art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore -
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

*Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo - o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: "Ó tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais:
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
E o Corvo disse: "Nunca mais."*

⁶ Machado de Assis troca “bico” do original por “garras”.

⁷ A tradução de Assis suprime a referência a Gilead, um distrito da antiga Palestina, também uma referência bíblica a uma terra marcada pelo sofrimento.

Whether Tempter sent, or whatever tempest tossed thee ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted -
On this home by Horror haunted

*Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente naufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
Tem os seus lares triunfais,*

Outra estratégia do poeta foi o uso da primeira pessoa. A leitura em primeira pessoa coloca o leitor na pele do personagem e, conseqüentemente, seus pensamentos e os do leitor se tornam um só, o que leva o leitor a sentir toda a angústia do amante de Lenora.

Entretanto, Poe não trabalhou apenas com imagens dentro do poema. A forma também é condizente com o estímulo que ele pretendia no leitor. Segundo Lavery (2001), Poe, magistralmente, escolhe as palavras para criar um efeito. No verso 13⁸, as palavras “and the silken, sad, uncertain” não são comumente utilizadas juntas. O som repetitivo do “s” força o leitor a hesitar quando lendo o verso, levando-o a identificar-se com a incerteza que o narrador experimenta. Similarmente, no verso 71, Poe descreve o corvo como “grim, ungainly, ghastly, gaunt”, o que leva o leitor a ouvir um rosnar na descrição e interpretar o corvo como ameaça. O som do “g” é interrompido pela palavra “ominous” (verso 71, significa “ameaçar, de mau agouro”), uma palavra que confirma a ameaça. O significado da ave como mau agouro é reforçado quando o poeta utiliza “profeta” e “coisa do mal” (versos 85 e 91) para se referir a ele. A repetição é estrategicamente utilizada por Poe. Primeiro, na palavra que dá o tom melancólico do poema, “nunca mais”⁹, depois com as repetições constantes de frases no decorrer do poema:

"Prophet!" said I, "thing of evil! - prophet still, if bird of devil!
Whether Tempter sent, or whatever tempest tossed thee ashore,
[...]
"Prophet!" said I, "thing of evil! - prophet still, if bird of devil!
By that Heaven that bends above us - by that God we both adore -

⁸ A numeração dos versos refere-se ao poema no original.

⁹ A tradução da palavra apresenta um problema: em inglês “nunca mais” é apenas uma palavra, “nevermore”.

Poe utiliza tanto a rima interna quanto a alternada:

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary (rima interna)
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore - (B)
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping, (rima interna)
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door. (B)
" 'Tis some visitor, " I muttered, "tapping at my chamber door - (B) repetição do final do verso anterior
Only this and nothing more." (B)

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December; (rima interna)
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor. (B)
Eagerly I wished the morrow - vainly I had sought to borrow. (rima interna)
From my books surcease of sorrow - sorrow for the lost Lenore - (B)
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore - (B) repetição do final do verso anterior
Nameless here for evermore. (B)

Essa repetição, às vezes, em excesso, é crucial para a fixação do clima depressivo do poema. É ela que reforçará os pontos-chaves da sugestão do poema: “nunca mais”, Lenore, tristeza, profeta, etc.

CONCLUSÃO

A imaginação já foi vista como advinda de poderes divinos e como parte das experiências mentais humanas. Ela é o caminho para os estímulos sensoriais do leitor. Os poetas captam o mundo de uma maneira peculiar e o expressam da mesma forma, utilizando imagens para causar certos efeitos sensoriais no leitor.

Estão presentes no poema “O Corvo” todos os elementos para uma boa história gótica. Desde a caracterização do ambiente e a dos personagens, até a presença do sobrenatural. Um homem, isolado em seu quarto, sofrendo pela perda de sua amada, recebe a visita de um corvo, que, a princípio, o trata racionalmente, mas que, pouco a pouco, simboliza o prenúncio de que a agonia que se apossou dele estará presente em todos os dias de sua vida.

O poema de Poe apresenta-se como aquilo que Calvino (1990) classificou como processo imaginativo que parte da palavra para chegar à imagem viva. Em “O Corvo”, à medida que a leitura se sucede, torna-se plausível o que Lavery (2001) afirmou:

É um poema cujo valor reside na assombrosa beleza da linguagem e um memorável e singular efeito. O uso de Poe da perspectiva da primeira pessoa combina com os detalhes vívidos da visão e som para formar uma forte conexão entre o narrador e o leitor. Poe mostra como os sons das palavras podem ser usados para sugerir mais do que seu real significado. [...] O poema demonstra como o efeito do ritmo e da repetição podem ser tão hipnóticos quanto o balançar de um pêndulo e tão arrepiante quanto uma chuva fria. “O Corvo” é um poema melhor experimentado do que interpretado.

Poe utiliza as imagens do quarto isolado, a noite fria e tempestuosa, a escuridão, o corvo, entidades e lugares divinos, a melancolia, a morte de uma bela mulher, além de ter planejado a forma do poema para refletir o estado de espírito presente no poema. A incessante e triste repetição de “nevermore”, o uso da aliteração e da repetição fixam no leitor a sensação de horror.

THE IMAGINATION IN “THE RAVEN”, BY EDGAR ALLAN POE

ABSTRACT

This work considers the resources used by Edgar Allan Poe in his work “The Raven”, whose intent had been to arise in the reader varied reactions, such as horror, suspense and pleasure. To accomplish his aim, the author used symbols and references to situations appropriated to the psychological horror, which can be found in people’s experiences, at least in the Western world.

Keywords: Edgar Allan Poe; The Raven; Imagination.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, C. W. Uma infelicidade machadiana. In: *Leitura*, ano 17, n. 5, p. 36-50, set. 1999.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTAGNINO, R. H. *Análise literária*. Tradução: Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

DANZIGER, M. K.; JOHNSON, W. S. *Introdução ao estudo crítico da literatura*. Tradução: Álvaro Cabral e Catarina T. Feldmann. São Paulo: Cultrix, 1974.

DUBIN, G. *The Raven: formula for a classic*. 2001. Disponível em: <<http://classweb.gmu.edu/kthomps4/edit101/Dubin.Poe/Poe.html>>. Acesso em: 23 set. 2001.

GOIA, D. *On Edgar Allan Poe's "The Raven"*. 1998. Disponível em: <<http://www.danagioia.net/essays/epoe.htm>>. Acesso em: 23 set 2001.

GROSSMAN, J. *Temas de teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1982.

LAVERY, Dr. *The effective use of writing techniques in Poe's "The Raven"*. 2001. Disponível em: <<http://www.mtsu.edu/~dlavery/raven.htm>>. Acesso em: 23 set. 01.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

POE, E. A. *Poesia e prosa*. Tradução: Oscar Mendes e Milton Amado. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura*. 3. ed. Tradução: José Palla e Carmo. [Portugal]: Publicações Europa-América, 1976.

ANEXO A

THE RAVEN
Edgar Allan Poe

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore -
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.
" 'Tis some visitor, " I muttered, "tapping at my chamber door -
Only this and nothing more."

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow - vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow - sorrow for the lost Lenore -
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore -
Nameless here for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me - filled me with fantastic terrors never felt before:
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating.
" 'Tis some visitor entreating entrance at my chamber door -
Some late visitor entreating entrance at my chamber door -
That it is and nothing more."

Presently my soul grew stronger: hesitating then no longer,
"Sir, " said I, "or Madam, truly your forgiveness I implore:
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you" - here I opened wide the door -
Darkness there and nothing more.

Deep into the darkness peering, long I stood there wondering fearing.
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before:
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,
And the only word there spoken was the whispered word, "Lenore?"
This I whispered, and an echo murmured back the word "Lenore!" -
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,
Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.
"Surely," said I, "surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore -
Let my heart be still a moment and this mystery explore -
'T is the wind an nothing more!"

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,

In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door -
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door -
Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
"Though thy crest be shorn and shaven, thou," I said, "art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore -
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

Much I marveled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning - little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door -
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,
With such name as "Nevermore."

But the Raven sitting lonely on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing further then he uttered, not a feather then he fluttered -
Till I scarcely more then muttered, "Other friends have flown before -
On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before."
Then the bird said, "Nevermore."

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
"Doubtless," said I, "what it utters is it only stock and store
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore -
Till the dirges of his Hope the melancholy burden bore
Of 'Never - nevermore.'"

But the Raven still beguiling all my fancy into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door,
Then upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore -
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking, "Nevermore."

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl, whose fiery eyes now burned into my bosom's core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion's velvet lining that the lamp-light gloated o'er
But whose velvet-violet lining with lamp-light gloating o'er
She shall press, ah, nevermore!

Then methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer
Swung by seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.
"Wretch," I cried, "thy God has lent thee - by these angels he hath sent
thee Respite - respite the nephente from thy memories of Lenore!
Quaff, oh, quaff this kind nephente and forget this lost Lenore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

"Prophet!" said I, "thing of evil! - prophet still, if bird of devil!
Whether Tempter sent, or whatever tempest tossed thee ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted -
On this home by Horror haunted - tell me truly, I implore -
Is there - is there balm in Gilead? - tell me - tell me, I implore!"
Quoth the Raven, "Nevermore."

"Prophet!" said I, "thing of evil! - prophet still, if bird of devil!
By that Heaven that bends above us - by that God we both adore -
Tell his soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore -
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore."
Quoth the Raven, "Nevermore."

"Be that word our sign of parting, bird or fiend!" I shrieked, upstarting -
"Get thee back into the tempest and the Night's Plutonian shore!
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken! - quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!
Quoth the Raven, "Nevermore."

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon that is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor,
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted - nevermore!

ANEXO B

O CORVO

Tradução de Machado de Assis

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho
E disse estas palavras tais:
"É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais."

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,
E que ninguém chamará jamais.

E o rumor triste, vago, brando,
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido
Nunca por ele padecido.
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto e: "Com efeito
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.
É visita que pede à minha porta entrada:
Há de ser isso e nada mais."

Minhalma então sentiu-se forte;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo: "Imploro de vós - ou senhor ou senhora -
Me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso
Batestes, não fui logo prestemente,
Certificar-me que aí estais."
Disse: a porta escancarou, acho a noite somente,

Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escuro a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,
Mas o silêncio amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta:
Só tu, palavra única e diletta,
Lenora, tu como um suspiro escasso,
Da minha triste boca sais;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro co'a alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais tarde; eu, voltando-me a ela:
"Seguramente, há na janela
Alguma coisa que sussurra. Abramos.
Ela, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.
Devolvamos a paz ao coração medroso.
Obra do vento e nada mais."

Abro a janela e, de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre Corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um lord ou de uma lady. E pronto e reto
Movendo no ar as suas negras alas.
Acima voa dos portais,
Trepá, no alto da porta, em um busto de Palas;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo - o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: "Ó tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais:
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
E o Corvo disse: "Nunca mais."

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,

Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lha entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Coisa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta,
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é o seu nome: "Nunca mais."

No entanto, o Corvo solitário
Não teve outro vocabulário,
Como se essa palavra escassa que ali disse
Toda sua alma resumisse.
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,
Até que eu murmurei: "Perdi outrora
Tantos amigos tão leais!
Perderei também este em regressando a aurora."
E o Corvo disse: "Nunca mais."

Estremeço. A resposta ouvida
É tão exata! é tão cabida!
"Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
Que ele trouxe da convivência
De algum mestre infeliz e acabrunhado
Que o implacável destino há castigado
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
Que dos seus cantos usuais
Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
Esse estribilho: "Nunca mais."

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento;
Vou sentar-me defronte ao Corvo magro e rudo;
E mergulhando no veludo
Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
Achar procuro a lúgubre quimera.
A alma, o sentido, o pálido segredo
Daquelas sílabas fatais,
Entender o que quis dizer a ave do medo
Grasnando a frase: "Nunca mais."

Assim, posto, devaneando,
Meditando, conjecturando,
Não lhe falava mais; mas se lhe não falava,
Sentia o olhar que me abrasava,
Conjecturando fui, tranquilo, a gosto,
Com a cabeça no macio encosto,

Onde os raios da lâmpada caiam,
Onde as tranças angelicais
De outra cabeça outrora ali se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso.
Obra de serafins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um ligeiro turbulo invisível;
E eu exclamei então: "Um Deus sensível
Manda repouso à dor que te devora
Destas saudades imortais.
Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora."
E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente náufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
Tem os seus lares triunfais,
Dize-me: "Existe acaso um bálsamo no mundo?"
E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
Por esse céu que além se estende,
Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
No Éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais.
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!"
E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, ou o que quer que sejas!
Cessa, ai, cessa!, clamei, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
À tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fica no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua,
Tira-me ao peito essas fatais
Garras que abrindo vão a minha dor já crua."

E o Corvo disse: "Nunca mais."

E o Corvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais!